

A Diocese de Propriá-SE e o Golpe Militar de 1964: dilemas entre a modernização conservadora e a defesa pela justiça social

*Osnar Gomes dos Santos**

Resumo

Este trabalho pretende averiguar as posições da diocese de Propriá-SE durante o processo que culminou no golpe militar de 1964. A pertinência deste trabalho se explica em razão da influência política exercida por essa diocese, não apenas na consumação do golpe no Estado de Sergipe, mas também nas posições tomadas por ela anos depois da consolidação da ditadura militar. Posições que foram, gradativamente, substituindo a leniência inicial pela oposição direta e radical face ao regime. Trabalhos como os de René Dreifuss e Wellington Teodoro da Silva ajudaram a esmiuçar o caráter de classe do golpe de 1964 e os reflexos da religião naquele contexto.

Palavras-chave: Diocese de Propriá-SE; Golpe de 1964; anticomunismo

* Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor do Centro Territorial de Educação do Estado da Bahia (Cetep-Araci). Integrou o Laboratório Interdisciplinar de Estudo das Religiões da Universidade Federal de Alagoas (LIER-UFAL).

The Diocese of Propriá-SE and the 1964 Coup: dilemmas between conservative modernization and the defense of social justice

La Diócesis de Propriá-SE y el Golpe de 1964: dilemas entre la modernización conservadora y la defensa de la justicia social

Abstract

This paper aims to investigate the positions of the Diocese of Propriá-SE during the process that culminated in the 1964 military coup. The relevance of this work is explained by the political influence exercised by this diocese, not only in the consummation of the coup in the state of Sergipe, but also in the positions taken by it years after the consolidation of the military dictatorship. Positions that gradually replaced the initial leniency with direct and radical opposition to the regime. Works such as those by René Dreifuss and Wellington Teodoro da Silva helped to scrutinize the class character of the 1964 coup and the reflexes of religion in that context.

Key words: Diocese of Propriá-SE; Coup d'état the 1964; anticommunism

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo investigar las posiciones de la Diócesis de Propriá-SE durante el proceso que culminó en el golpe de estado militar de 1964. La relevancia de este trabajo se explica por la influencia política ejercida por esta diócesis, no sólo en la consumación del golpe en el estado de Sergipe, sino también en las posiciones que adoptó años después de la consolidación de la dictadura militar. Posiciones que fueron sustituyendo la indulgencia inicial por una oposición directa y radical al régimen. Trabajos como los de René Dreifuss y Wellington Teodoro da Silva ayudaron a escudriñar el carácter de clase del golpe de 1964 y los reflejos de la religión en ese contexto.

Palabras clave: Diócesis de Propriá-SE; Golpe de 1964; anticomunismo



Considerações iniciais

A diocese de Propriá, fundada em 1960, observou atentamente a atualização da Igreja e os acontecimentos políticos do país. No início da década de 1960, a principal missão da diocese de Propriá articular a influência católica na sociedade. Para tanto, tinha a preocupação em ampliar o número de padres, reformar as suas frentes de atuação e organizar a missão do laicato. Uma missão que fosse ela mesma uma extensão da missão da hierarquia, a dizer: estimular a penetração da Igreja na sociedade.

A diocese de Propriá, localizada na região mais pobre do Estado de Sergipe, foi fundada dois anos depois da sagração de Ângelo Roncalli ao papado. Desde a sua primeira carta pastoral, apresentada pelo bispo dom Brandão, a preocupação com a posição da Igreja no mundo esteve presente (Castro, 1960)¹.

A diocese estava ambientada com os ares da renovação. O bispo dom Brandão vinha da ordem regular dos redentoristas. Eram objetivos dos redentoristas: a evangelização dos mais pobres e o cuidado com os destituídos de apoio espiritual (Heizmann², 1985, p.29) . Apresentavam-se como preocupações iniciais do bispado a ignorância religiosa e os dilemas sociais da população ribeirinha, como o analfabetismo e a miséria (Castro, 1961)³.

Como a maioria do clero brasileiro, a diocese seguia uma posição modernista, no sentido de apoiar uma abertura, mas com o interesse tradicional de pôr a doutrina católica acima das doutrinas temporais. O catolicismo pretendia desafiar o liberalismo e o socialismo pela via estabelecida por Roma. A “cobiça dos patrões”, a “concorrência desenfreada” e a “usura devoradora”, típicas da ordem liberal, eram rechaçadas. O socialismo, por seu turno, era

¹ CASTRO, [Dom] José Brandão de. **Carta pastoral de saudação de Dom José Brandão de Castro** - Bispo de Propriá. [S.l; s.n.], 1960.

² HEINZMANN, padre Josef. **Afonso de Ligório e os redentoristas**. Estrasburgo: Sadifa, 1985. p. 29.

³ CASTRO, José Brandão de. **“Bispo de Propriá lança um apelo: “Um seminário para a terra de Dom Cabral”**”. Fala à imprensa de Belo Horizonte Dom José Brandão de Castro”. In: Senhor Bom Jesus, março de 1961.



visto como aquele remédio que, ao invés de curar, aprofunda a doença (A Defesa, 1962, p.2) ⁴.

A diocese optava pelo caminho da maioria do clero brasileiro. Por temer o avanço do “comunismo ateu”, dirimia as críticas ao liberalismo. Sua ojeriza pelo primeiro era, por assim dizer, visceral. Por conseguinte, não perdia tempo ao salientar a oposição da doutrina social da Igreja à doutrina marxista. Em palestra realizada na Record de São Paulo, no aniversário da independência do Brasil, ano de 1962, o bispo dom Brandão se amparou na doutrina social para alertar que a indiferença dos brasileiros diante dos problemas sociais poderia deixar nas mãos dos comunistas “os argumentos com que tentarão convencer os que sofrem de que a solução só pode estar com eles” (A Defesa, 1962, p. 2)⁵. Naquela palestra, o tom usado por dom Brandão era o de quem via a marcha comunista dobrando a esquina.

84

O clima político explicava o tom da palestra. As radicalizações no processo revolucionário em Cuba angustiavam a diocese de Propriá. Os católicos conservadores, que inicialmente viram alguma justiça naquela Revolução, rapidamente foram criando antipatia pelo processo revolucionário cubano. Rejeitavam as suas radicalizações no campo político e econômico. A Revolução nacionalizou multinacionais, mas também tornou escolas confessionais em propriedades do Estado — uma vez consideradas associadas às agressões imperialistas contra o regime. (Betto, 1987, p. 212-215) ⁶ Algo que foi lido por católicos enquanto uma perseguição à Igreja.

Não foram poucas as publicações da diocese a entoar uma narrativa de ostensiva oposição ao processo revolucionário cubano. O jornal diocesano *A Defesa* apresentava, em sua composição, colunas sobre geopolítica, as quais discutiam os acontecimentos no mundo. Em 1961, quando Cuba já havia se inclinado para o socialismo, o jornal publicou um artigo na coluna “Visão Geral do Mundo”.

⁴ A DEFESA. “Nova figura de trabalhador”, 28 de outubro de 1962, p. 2.

⁵ A DEFESA. “140 anos de Independência com Cristo”, 14 de outubro de 1962, p. 2.

⁶ BETTO, Frei. *Fidel e a religião: conversas com Frei Betto*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 212-215.

Nele, uma crítica áspera aos regimes socialistas chinês, cubano e soviético se sobressaiu. O artigo pontuava as querelas que existiam entre Igreja e Estado nos países comunistas (A Defesa, 1961, p.2) ⁷. A própria aproximação dos comunistas com a Igreja foi vista como uma das táticas comunistas para conquistar adeptos⁸.

Acerca da estrutura fundiária brasileira, a posição da diocese era muito próxima a da defesa pela reforma agrária, tal qual defendida por setores mais avançados da Igreja, no início da década de 1950. Uma posição marcada pela denúncia do grande latifúndio, porém crendo que sua solução se daria com o desenvolvimento técnico-econômico e com a cooperação entre “camponeses” e proprietários. A respeito, Scott Mainwaring citou a primeira declaração importante de um bispo brasileiro em defesa da reforma agrária, datada do início dos anos 1950. Era uma declaração do bispo dom Inocêncio Engelke, da cidade mineira de Campanhas. Mainwaring recordou que, para esse bispo, a cooperação entre camponeses e fazendeiros seria uma das resoluções para os problemas dos primeiros⁹.

Perspectiva evidenciada na entrevista que dom Brandão concedeu ao jornal católico *Senhor Bom Jesus*. O bispo teceu uma crítica ríspida ao grande latifúndio no Estado de Sergipe e defendeu a necessidade “imperiosa” de uma reforma agrária no Nordeste.¹⁰ Porém, na mesma entrevista, dom Brandão lembrou o caso de um fazendeiro de Lagarto que doou terras a 300 famílias, segundo ele, “com excelentes resultados para a economia da região”¹¹.

Não foi por acaso que dom Brandão lembrou esse caso. Estava alimentando a lógica da cooperação entre proprietários e trabalhadores rurais. Numa manchete de *A Defesa*, “Como queremos a reforma agrária”, a posição conciliatória também se manifestou nas

⁷ A DEFESA. “Visão Geral do Mundo”, 15 de novembro de 1961, p. 2.

⁸ Ibidem.

⁹ MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 73.

¹⁰ A DEFESA. “O bispo de Propriá fala ao jornal ‘Senhor Bom Jesus’”, 15 de novembro de 1961, p. 3.

¹¹ Ibidem.



palavras do monsenhor Sant'Ana, que agradecia a Deus pela existência dos muitos fazendeiros “compreensivos e dedicados”. Defendia uma reforma agrária com as “bênçãos de Deus e da Igreja”, num clima de liberdade, sem o controle do “Senhor Estado totalitário”¹².

A relação da diocese com os proprietários era estável. A sua defesa pela reforma agrária não a colocava na lista de perseguidos pelo conhecido “partido do boi”. Formado por grandes proprietários de terras sergipanos, o “partido do boi” era assim chamado em razão da sua influência na vida política. O “partido do boi” tinha um nome oficial no Estado: Sociedade dos Criadores. Segundo Figueiredo, a mencionada Sociedade reunia “donos de engenhos, usineiros, grandes fazendeiros, todos os reacionários e golpistas do Estado, cada um mais armado e mais violento que o outro. Segundo este autor, a Sociedade dos Criadores “incendeia, verbalmente, Sergipe, monta central de boatos e cochichos falam, a toda hora, em invasão de propriedades por ‘subversivos’ e ‘comunistas’”¹³.

Neste contexto, dias antes do golpe de 1964, a Sociedade dos Criadores realizou um encontro na cidade de Lagarto. Segundo longa matéria do jornal *Folha Popular*, os latifundiários presentes no encontro bradaram contra a “intranquilidade” política no Estado. Um dos pregadores pediu a união da classe para expulsar “comunistas” de Sergipe. O arcebispo de Aracaju, Dom Távora, era uma das pessoas que o grupo queria expulsar do Estado¹⁴.

A diocese de Propriá também concelebrava muitas das iniciativas da política externa norte-americana dos tempos de John Kennedy. A mencionada diocese foi uma das instituições que teceu laços à vinda do embaixador dos Estados Unidos, Lincoln Gordon, a Sergipe, no ano de 1963. Os integrantes do nacional-reformismo viam o embaixador Norte-americano como um alienígena a se meter nos assuntos nacionais. Os grupos que defendiam o governo de João Goulart - o Jango - em Sergipe condenaram a visita de Gordon. Di-

¹² SANT'ANA, [Monsenhor] José Moreno. “Como queremos Reforma Agrária”. In: A Defesa, 30 de novembro de 1961, p. 1.

¹³ FIGUEIREDO, Ariosvaldo. *História Política de Sergipe (1962-1975)*. Aracaju: [S.n; s.d], p. 51.

¹⁴ FOLHA POPULAR. “O regime de latifundiários envelheceu e ninguém poderá evitar sua morte”, 21 de março de 1964, p. 1.



versas entidades políticas da situação lançaram uma nota de repúdio contra a presença do embaixador no Estado.¹⁵

A União Estadual dos Estudantes Universitários de Sergipe (UEES) e o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) encabeçaram a lista de entidades que manifestaram o seu repúdio ante a presença de Gordon. Uma manifestação pública foi realizada.¹⁶ As críticas dos grupos de esquerda às ingerências de Gordon nos assuntos domésticos faziam sentido. Gordon mantinha relações que iam da Agência Central de Informações (CIA) ao Departamento de Estado Norte-americano, cultivando ligações diretas com os próceres do complexo formado pelo Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD). Este complexo empreendia, engenhosamente, a desestabilização do governo Jango.¹⁷ Para os grupos ligados ao presidente, não havia dúvidas sobre a atuação de Gordon nas sombras do poder: ele era um conspirador. Por isso, em Sergipe, repudiavam a sua presença.

Ariosvaldo Figueiredo, que também era colunista do jornal *Gazeta de Sergipe*, pontuou que o ato contra a visita de Gordon a Sergipe foi “dos mais concorridos e vibrantes”. Asseverou: “Sergipe grita contra o embaixador norte-americano”.¹⁸ Contudo, saiu do jornal da diocese de Propriá uma das mais intransigentes defesas da presença do embaixador. A matéria “*Bem-vindo, Mr. Gordon*”, publicada pelo jornal *A Defesa*, desaprovou a manifestação realizada em Aracaju e atacou os grupos que articularam a manifestação contra o embaixador.

O município de Propriá tinha nomes afinados com o nacionalismo de esquerda de Leonel Brizola. Nas eleições de 1962, a cidade elegeu o médico Geraldo Maia como prefeito da cidade: figura conhecida dos bairros pobres de Aracaju¹⁹. Geraldo Maia era médico.

¹⁵ FOLHA POPULAR. “**Protestar junto ao povo contra a vinda a Sergipe do Gringo Lincoln [sic] Gordon**”, 06 de abril de 1963, p.1.

¹⁶ FIGUEIREDO, Ariosvaldo. Op. Cit., p. 14.

¹⁷ DREIFUSS, René. **1964, a conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 80-81 e 102.

¹⁸ FIGUEIREDO, Ariosvaldo. Op. Cit., p. 13.

¹⁹ *Ibidem*, p. 50.



O prefeito de Propriá prestava serviços médicos gratuitos à população carente dos bairros pobres da capital, como o bairro Santos Dumont.

Geraldo Maia também era irmão do deputado estadual Cleto Sampaio Maia, líder do governo na Assembleia Legislativa. Enquanto Geraldo Maia apoiava a organização do maior Sindicato Rural do Estado, Cleto Sampaio aprovava, na Assembleia, as suas moções em favor das reformas de base do governo Jango.²⁰ Os irmãos Maia eram dois nomes importantes do bloco nacional-reformista. Ambos chegaram a ter destaque em algumas edições do jornal da diocese de Propriá.

A diocese tinha, porém, maior afinção com nomes do bloco da oposição a Jango. Dentre estes, destaca-se o deputado Lourival Baptista, que recebia as loas diocesanas. Lourival mantinha conexões com o bloco que costurava a oposição às reformas de base e o desgaste do governo Jango. Lourival aparece na lista com os nomes dos políticos que perfilavam a trilha da conspiracionista Ação Democrática Parlamentar, uma das frentes de atuação do IBAD. Era ele mesmo ligado à sigla ibadiana ADP²¹, mas um tipo de político palatável para o espírito diocesano. Afinal de contas, Lourival conseguia, corriqueiramente, recursos para as instâncias da diocese. Contudo, o fato de os irmãos Maia pertencerem a uma corrente política inversa não impediu que tivessem uma relação amistosa com a diocese, às vezes, até cooperando para a implantação de projetos comuns — como se verá adiante.

A Igreja tinha os seus “tipos ideais” de políticos. Para os modernistas-conservadores católicos, a gestão do presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, era exemplar. O jornal *A Defesa* foi um dos veículos do catolicismo nacional a exaltar o presidente — jovem e católico — dos Estados Unidos. Logo após o assassinato desse presidente, *A Defesa* sugeria que o motivo da tragédia era certamente o fato de Kennedy ser um “exímio defensor da verdadeira demo-

²⁰ Ibidem, p. 16.

²¹ DREIFUSS, René. *Op. Cit.*, p. 322.

cracia”.²² O jornal *A Defesa*, mesmo duas semanas após a morte de Kennedy, destinou a ele uma manchete, no dia 8 de dezembro de 1963, que exclamava o “último pedido de Kennedy a Deus”: a paz e a justiça.²³

Embora o jornal da diocese de Propriá tecesse críticas aos Estados Unidos, na prática, enaltecia os condutores do governo norte-americano. Saudava a presença de Gordon e estampava, em suas páginas, o caráter pacífico, democrático e humano do governo Kennedy. O fato de ele ter permitido, em 1961, a invasão à Baía dos Porcos, em Cuba, não parecia causar incômodo em seu periódico.

Não à toa o programa norte-americano “Aliança para o Progresso” foi aplaudido pela diocese. O referido Programa foi criado em março de 1961. Tinha como meta promover algumas reformas modestas, focadas na assistência externa, através do auxílio norte-americano. Por trás da filantropia, um interesse político que foi denunciado por Miguel Arraes. O programa foi acusado por ele de fazer parte do pacote de ingerências dos Estados Unidos na economia e política brasileira.²⁴

A linha assistencialista do programa “Aliança para o Progresso” parecia complementar a linha paternalista da diocese. Isso foi reconhecido pelo próprio bispo dom Brandão mais de duas décadas depois. Segundo ele, as primeiras ações da diocese, sob a sua orientação, foram paternalistas, o que incluía a ação em defesa da campanha do leite em pó norte-americano.²⁵

Pode-se concluir que não havia divergências entre a linha defendida pela diocese de Propriá e a política externa norte-americana do período Kennedy. Embora receptiva à atualização da doutrina social da Igreja, a diocese perfilava o caminho daquelas instâncias católicas modernistas que acabavam sendo subtraídas

²² A DEFESA. “Presidente John Kennedy”, 23 de novembro de 1963, p. 1.

²³ A DEFESA. “Último pedido de Kennedy a Deus: dai a paz e a justiça”, 08 de dezembro de 1963, p. 4.

²⁴ PARKER, Phyllis. 1964: o papel dos Estados Unidos no golpe de Estado de 31 de março. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p. 71.

²⁵ CASTRO, [Dom] José Brandão. *Mensagem de Santo Antônio*. [Entrevista concedida pelo Bispo de Propriá a Luciano Bernardi. [S.l.], 04 de abril de 1984, p. 10.



do campo popular-reformista e acomodadas nos planos do bloco modernizante-conservador que buscavam desestabilizar o governo Jango. Isso se devia ao proselitismo, ao anticomunismo visceral, à ação eficiente da elite orgânica do capital multinacional e de outras frentes da oposição.

Numa coluna de dom Brandão, datada de agosto de 1963, foi discutida a posição da Igreja sobre a política. O bispo comentou que, uma vez abraçando o sacerdócio, os religiosos tomam a decisão de jamais se imiscuir em lutas partidárias. Dom Brandão defendeu que a “isenção de ânimo” nos assuntos políticos era a opção preferível à Igreja. Porém, sublinhou que a isenção não deveria ser confundida com neutralidade. Um belo jogo de palavras.²⁶ Todavia, a “isenção de ânimo”, defendida por dom Brandão, faltou ao encontro com a prática diocesana. Ao menos era o que apontavam inúmeras edições do jornal *A Defesa*. O periódico não perdia tempo nas condenações ao bloco nacional-reformista. Uma ilustrativa manchete do dia 30 de maio de 1963 exclamava contra a greve geral proposta pelo Comando Geral dos Trabalhadores (CGT). Estampando aquele manifesto, *A Defesa* turvava a sua suposta “isenção” com a denúncia: “C.G.T. Quer é Desordem”.²⁷

Em Sergipe, a presença do padre Alípio de Freitas causou crises nos conservadores. Os deputados Nivaldo Santos e Sebastião Figueiredo exortavam a Assembleia Legislativa de Sergipe (Alese) contra as congratulações daquele parlamento às pregações do padre Alípio de Freitas, pelo seu trabalho em defesa das reformas para o país. O padre Alípio de Freitas era natural de Portugal. Vivia no Brasil desde a década de 1950. A visita a Sergipe, no ano de 1963, fazia parte de uma série de viagens pelo país para divulgar suas ideias, consideradas radicais, em defesa das reformas de base do governo Jango. Seu nome causava as mais variadas excitações na cena política.²⁸

²⁶ A DEFESA. “Nós e a política”, 31 de agosto de 1963, p. 2.

²⁷ A DEFESA. “Frente Sindical Nacionalista – C.G.T. Quer é Desordem”, 30 de maio de 1963, p. 1.

²⁸ SILVA, Wellington. *Catolicismo e golpe de 1964*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2018, p. 228.



Em Sergipe, a defesa pelas reformas tinha o apoio da Sociedade União dos Operários Ferroviários (SUOF), da União Estadual dos Estudantes de Sergipe (UEES), do Movimento de Educação de Base (MEB), estimulado pelo arcebispo dom Távora, da Associação dos Servidores Públicos do Estado de Sergipe (ASPES), da SUPRA, sob a batuta de Ariosvaldo Figueiredo, e do jornal *Gazeta de Sergipe*, comandado pelo empresário, com ares progressistas, Orlando Dantas. Todos eles, a seu modo, perfilavam a trilha do nacional-reformismo e incomodavam as elites tradicionais.

Por sua vez, a diocese de Propriá entoava a “agenda do medo”.²⁹ O anticomunismo era forte na diocese de Propriá. A sua inclinação reformista foi por ele limitada. A diocese acabou rapidamente assentada nas fileiras do reformismo conservador, não aceitando posturas radicais em defesa das reformas de base, como as do padre Alípio.³⁰ A legitimação das intervenções norte-americanas no país e a “agenda do medo” engrossaram as páginas do seu periódico.³¹ Não tardou para caucionar a sanha autoritária que grassou no país, em Sergipe e nos municípios ligados a ela.



O golpe bate na porta de Deus

Mesmo considerando a abertura da instituição para as proposições conciliares, o olhar para o social na diocese seguia a linha majoritária da Igreja: modernista-conservadora. Quer dizer, uma linha assentada na abertura, por isso modernista; mas uma abertura limitada, pois, preocupada que possíveis excessos abrissem brechas para a penetração de ideias “heréticas” nas fileiras da instituição. Essa posição sibilina apostava em reformas sociais, por isso, as reformas de base não eram negadas. Negava-se o governo que as propunha, pois ele era visto enquanto leniente com a “comunização” do país. As reformas sociais deveriam ser feitas, mas conduzidas por outras “mãos”. As “mãos” de quem? Certamente não as de Jango, nem as do bloco nacional-reformista.

²⁹ SILVA, Wellington. Op. Cit., p. 247.

³⁰ CASTRO, dom José Brandão de. “Bispo Diocesano fotografado com o Padre Alípio”, 29 de setembro de 1963, p. 1.

³¹ A DEFESA. “Aliança para o Progresso em Foco”, 20 de setembro de 1963, p. 3.

Assim pensava o bispo. Seguiu a linha de raciocínio de um sem-número de instituições que admitiam a construção de um pacote reformista para o país, entretanto, que fosse dirigido por outras forças políticas. Desse modo, coroava-se uma das principais estratégias da elite orgânica do bloco do capital multinacional e associado: atrair para o seu campo expressivos representantes do conservadorismo reformista.³² Sim, havia um reformismo-conservador, e a diocese de Propriá seguia o seu caminho. Entretanto, não é correto pensar que os grupos reformistas-conservadores estavam a reboque da elite orgânica do capital, servindo de “massa de manobra” para ela. O que houve foi uma acomodação daqueles grupos no heterogêneo bloco oposicionista.

Para que se tenha uma ideia da complexidade da questão, muitos dos grupos que propagavam críticas ao governo mantinham certa crença de que Jango estava em disputa. Não temiam Jango, pois era sabido por todos que se tratava de um político do diálogo: um estancieiro vindo de uma rica família, que certamente nada tinha de comunista. Porém, temiam a presença de elementos esquerdistas no bloco por ele capitaneado. Numa matéria de o jornal *A Defesa*, o apelo feito por Adhemar de Barros para que Jango se “desvincule do Grupo Esquerdista” foi ressaltado.³³ Nota-se que Jango também estava em disputa para a diocese. Contudo, a cada guinada à esquerda do governo, a ilusão da disputa se embaçava.

Quando a relação com a política se dava no âmbito local, a questão ficava ainda mais complexa. Os diálogos da diocese com o prefeito Geraldo Maia chegavam a ser frutíferos. Mesmo com o irmão do prefeito, Cleto Sampaio, o intrépido defensor das reformas de base, havia uma relação amistosa. Na fundação da Creche São José, em 1º de maio de 1963, uma manifestação popular foi promovida pelo prefeito da cidade. Uma passeata de operários e trabalhadores rurais desfilou por Propriá, passando pela catedral diocesana “ao cair da noite”. Os oradores dos festejos eram: o prefeito Geraldo

³² NETTO, José. *Pequena História da Ditadura Brasileira (1964-1985)*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 61.

³³ A DEFESA. “Ademar e Jango”, 15 de abril de 1963, p. 1.



Maia, o seu irmão Cleto Sampaio Maia e o bispo dom José Brandão de Castro. *A Defesa* classificou o prefeito como “médico ilustre e benquisto”. O deputado Cleto Sampaio assegurou que solicitaria da Assembleia Legislativa um montante de cinquenta mil cruzeiros para a subvenção mensal da creche – através da Lei nº 113, de 17 de junho de 1963³⁴. Dom Brandão benzeu as instalações e agradeceu aos colaboradores.³⁵

Na mesma edição do boletim diocesano, uma matéria versou sobre um encontro entre eles, em Propriá. Encontro organizado pela União Sergipana dos Estudantes Secundários (USES) e realizado na sede dos Cavalheiros da Noite. Mais uma vez, ocupavam o mesmo espaço o prefeito Maia, o seu irmão, Cleto, e o bispo dom Brandão, além de outras autoridades civis e dos estudantes secundaristas. Novamente, *A Defesa* fez questão de ressaltar a postura dos irmãos Maia. O jornal diocesano foi categórico a respeito da conferência sobre as reformas de base apresentada por Cleto naquele encontro.³⁶

Adiante, a matéria destacou as duas reuniões realizadas nos dias seguintes. Segundo *A Defesa*, na primeira reunião, o prefeito Geraldo Maia pontificou com “invulgar brilhantismo”. Na segunda, foi a vez do bispo dom Brandão pontificar com a mesma qualidade.³⁷ Ainda deu tempo de classificar o prefeito e o bispo como “dois gigantes do pensamento”, os quais “prenderam a atenção do auditório por muito tempo, enquanto dissertavam com destemido fulgor sobre as reformas de base, sem nada lhes escapar a visão brilhante”.³⁸

Lendo a matéria na íntegra, percebe-se o entusiasmo diante de um encontro que tinha por meta discutir reformas estruturais na sociedade, incluindo as de base, propostas por Jango. Fica perceptível que a diocese de Propriá não tinha uma posição contrária às reformas. Aberta à atualização da doutrina social da Igreja, não ha-

³⁴ A DEFESA. “Creche São José: Aprovada a Subvenção – Novas possibilidades”, 15 de julho de 1963, p. 4.

³⁵ A DEFESA. “Em plena atividade a Creche São José”, 30 de maio de 1963, p. 2.

³⁶ A DEFESA. “Vida estudantil”, 30 de maio de 1963, p. 3.

³⁷ *Ibidem*.

³⁸ *Ibidem*.



via dúvidas de que reformas estruturais deveriam ser feitas. Mas o anticomunismo e a “relação dialética entre a busca do novo e a velha prática religiosa” encetaram uma posição dúbia, escorregadia, capaz de empurrar a diocese para os panteões da oposição que vociferava contra o governo federal.³⁹

A atmosfera anticomunista e a “agenda do medo” orquestravam uma paranoia psicossocial em cima da crença do inimigo oculto que, para muitos, infiltrava-se no país. A respeito disso, José Paulo Netto apontou a existência de uma “atmosfera psicossocial de confronto e de caos”. Estampava-se a mensagem: “‘a corrupção’ e a ‘subversão’ estariam tomando conta do Brasil e as ‘forças vivas na nação’ já não podiam ‘suportar um presidente desacreditado’”.⁴⁰ O governo Jango era atacado ostensivamente pela campanha das direitas. Tal governo assistiu os reformistas-conservadores cair de vez nos braços da oposição. Ademais, o presidente era ainda asfixiado pelas pressões econômicas advindas da Casa Branca. Da embaixada norte-americana, comandada por Lincoln Gordon, o programa “Aliança para o Progresso” encaminhava recursos para os governadores e prefeitos da oposição, ao mesmo tempo em que era suspenso o financiamento ao governo federal.⁴¹

A força das esquerdas em Sergipe poderia ser uma ilusão, mas não a dos conservadores. Estes se articulavam no Estado engenhosamente, captando recursos para a sua empreitada contra o bloco reformista sergipano. Foram graves as denúncias feitas por Ariosvaldo Figueiredo sobre a compra de armas da Sociedade dos Criadores. Não era apenas a chegada de armas que preocupava o delegado da Superintendência da Reforma Agrária do governo estadual (SUPRA). Segundo dito por Ariosvaldo, na reunião dos grandes proprietários de terra em Lagarto, a Sociedade dos Criadores levantou um capital inicial de um milhão de cruzeiros velhos, visando

³⁹ Sobre a questão da “relação dialética entre a busca do novo e a velha prática religiosa”, ver: IOKOI, Zilda. **Igreja e camponeses: Teologia da Libertação e movimentos sociais no campo, Brasil e Peru, 1964-1986**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 21.

⁴⁰ NETTO, José. **Pequena História da Ditadura Brasileira (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 2014, p. 63.

⁴¹ *Ibidem*, p. 59-60.



construir sua sede social e montar uma estação de rádio. Sobre a entrada de armas, Ariosvaldo assegurou categoricamente:

Muitas armas, caixas e mais caixas de revólveres, metralhadoras e munições entram, facilmente, em Sergipe, compradas, especialmente, por Augusto do Prado Franco, os irmãos Rosendo Ribeiro Filho e José Raimundo Ribeiro, que as distribuem entre os fazendeiros, verdadeiros arsenais nas propriedades, clima de guerra em um estado sabidamente manso, pobre, pacífico, sem nenhuma Liga Camponesa, sem nenhum conflito sério, até então, entre proprietários e trabalhadores rurais.⁴²

As denúncias foram feitas ao coronel Arivaldo da Silveira Fontes, o Secretário de Segurança Pública do Estado. Ariosvaldo Figueiredo lembrou que o secretário confirmou as denúncias. No entanto, a confirmação não bastava. Pouco efeito surtiu. Alguns anos após o golpe de 1964, um dos nomes citados na lista de compradores de armas, Rosendo Ribeiro Filho, sentiu-se seguro para prometer criar, em Sergipe, o grupo paramilitar Comando de Caça aos Comunistas (CCC), a fim de “acabar com as greves comandadas por comunistas e oportunistas que querem perturbar a paz social sergipana”.⁴³

Por um lado, a moral dos vencedores; por outro, o lamento dos vencidos. Consumado o golpe, em Sergipe, o governador Seixas Dória, num gesto de altivez, recusou a proposta indecente de renunciar às suas inclinações reformistas. Acabou condenado no processo encaminhado a 6ª Região Militar por “culpabilidade em atividades subversivas”. Preso, foi enviado para a Ilha de Fernando de Noronha, onde já se encontrava o seu amigo Miguel Arraes, também vitimado pelas arbitrariedades da nova ordem.⁴⁴

⁴² FIGUEIREDO, Ariosvaldo. Op. Cit., p. 68.

⁴³ *Ibidem*, p. 220.

⁴⁴ SERGIPE. DOSSIÊ de João de Seixas Dória. Aracaju, [19--]. Arquivo do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), nº P95/05. In: Acervo da Comissão Estadual da Verdade Paulo Barbosa de Araújo (CEV).



O cerco também se fechou para os irmãos Geraldo e Cleto Sampaio Maia. Não importava as realizações do prefeito Geraldo Maia. Sem clemência, foi vítima da arbitrariedade, também por “subversão”.⁴⁵ Seu irmão, Cleto, teve o mesmo fim. Contra ele, denúncias ainda mais graves foram feitas. Classificado como subversivo e agitador, sua participação no comício da Paraíba, suas defesas pelas reformas e a acusação de que tentou invadir o município de Cedro de São João para depor o prefeito dessa cidade recheavam a sua ficha criminal. Curioso notar que Cleto também foi alvo do arbítrio por participar da campanha de alfabetização baseada no método Paulo Freire.⁴⁶

Entre o apelo por reformas e o medo do comunismo, a diocese de Propriá ficou do lado da “Revolução”. Puxou os seus fiéis para as marchas no Baixo São Francisco. Entusiasmado, o bispo citava as dúbias palavras de dom Hélder para defender a sua posição: “as reformas eram uma bandeira certa em mãos erradas”.⁴⁷ Uma manchete de *A Defesa* deixava claro que “o Brasil camponês confia na Revolução”.⁴⁸ Numa outra, o terço era exaltado como a “força das forças”. Comemorava-se a Pátria livre do “Credo vermelho e de sua prole macabra: terror, despersonalização, crimes, roubos, escravidão, desespero, morte”.⁴⁹

A confiança de que as reformas seriam feitas pelas “mãos certas” foi expressa em seus editoriais. Castelo Branco foi classificado como “o grande Presidente que Deus nos deu, notável pelo seu espírito de equilíbrio”. Nas mãos dele, depositava-se a confiança de que sairiam as reformas necessárias para o país, a saber: a agrária, a bancária, a habitacional e “todas as demais reformas que se fizerem mister”.⁵⁰ O

⁴⁵ SERGIPE. DOSSIÊ de Geraldo Sampaio Maia. Aracaju, [19--]. Arquivo do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), nº P193/05. In: Acervo da Comissão Estadual da Verdade Paulo Barbosa de Araújo (CEV).

⁴⁶ SERGIPE. DOSSIÊ de Cleto Sampaio Maia. Aracaju, [19--]. Arquivo do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), nº P88/05. In: Acervo da Comissão Estadual da Verdade Paulo Barbosa de Araújo (CEV).

⁴⁷ A DEFESA. “O Brasil Camponês Confia na Revolução”, 13 de junho de 1964, p. 1.

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ A DEFESA. “Força das Forças – O Terço”, 15 de abril de 1964, p. 1.

⁵⁰ A DEFESA. “O Brasil Camponês Confia na Revolução”, 13 de junho de 1964, p. 1.



editorial de 13 de junho de 1964 apresentava a visão do bispo sobre os acontecimentos recentes. Para ele, “um suspiro de alívio atravessou o Brasil” quando se tornou público que, em poucas horas, “o poder tinha saído das mãos dos que estavam para lançar-nos na órbita de Moscou ou de Pequim”.⁵¹

As marchas chegaram também a Propriá. De acordo com a pesquisadora Solange Simões, a grande maioria das marchas ocorreu depois de consumado o golpe de Estado, com o objetivo semelhante daquelas realizadas antes do golpe: legitimar a intervenção militar.⁵² Dom Brandão estava em Recife quando aconteceu a “Marcha da Família com Deus em Ação de Graças”, na cidade de Propriá. Enviou uma mensagem que foi lida pelo cura da catedral, o padre Paulo Lebeau, um dos redentoristas estrangeiros recém-chegados na diocese.⁵³ As marchas se seguiram pelas cidades de Japoatã, Aquidabã e Cedro de São João.⁵⁴ No chamado “Dia da Vitória”, com terços nas mãos, no Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, fiéis agradeceram aos seus santos pelo “triumfo”.

Contudo, na “alegria da vitória”, havia o perigo de se pensar que “o povo não tinha razão para se angustiar e reclamar as reformas”, disse o bispo. De todo modo, o otimismo fazia morada em suas palavras: “O Brasil inteiro confia na Revolução [...]. E espera que para cada brasileiro tenha raiado a aurora de tempos realmente novos”.⁵⁵ O jornal *A Defesa* apresentava a versão oficial da diocese. A “alegria” das marchas e a ação das Forças Armadas foram justificadas, livraram o país de um golpe “rubro-ditatorial”, que “transformaria



⁵¹ Ibidem.

⁵² SIMÕES, Solange. **Deus, Pátria e Família**: as mulheres no golpe de 1964. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 107.

⁵³ Ibidem. O padre Paulo Lebeau era um redentorista belga. Chegou à diocese com outros redentoristas para ampliar o quadro de sacerdotes na diocese. A chegada desses religiosos foi estimulada pelos pedidos de dom Brandão, enquanto esteve na Europa, durante o Vaticano II. Cf. “Festivamente recebidos em Propriá os redentoristas”. *A Defesa*, 23 de fevereiro de 1964, p. 1.

⁵⁴ A DEFESA. “O Brasil Camponês Confia na Revolução”, 13 de junho de 1964, p. 1.

⁵⁵ Ibidem.

o Brasil numa nova Cuba”. Enfim, o “barril de pólvora” que “estava prestes a explodir” tinha sido apagado.⁵⁶

Após o golpe, mudanças agitaram a vida política sergipana. Os apoiadores do bloco nacional-reformista saíram de cena, dando lugar a novos dirigentes políticos. A diocese de Propriá saudava os novos nomes, dava a sua contribuição simbólica para a conformação da nova ordem. Acerca da perda de mandato do prefeito Geraldo Maia, pouco foi dito. Nenhum editorial do órgão oficial da diocese saiu em defesa do prefeito, antes ressaltado pelas suas páginas como um “gigante do pensamento”, que pontificava com “invulgar brilhantismo”. Um político que levava a sério o seu “gigantesco programa administrativo”, realizando suas obras “em tempo recorde”. As exaltações sobre o “operoso Prefeito de Propriá” se desmancharam como um castelo de areia. E deram lugar ao otimismo, com a chegada do novo prefeito, Jackson Figueiredo Guimarães, então presidente da Câmara dos Vereadores de Propriá.⁵⁷

Nessa cidade, uma operação militar, liderada pelo capitão Antônio Dantas Bião, foi desencadeada para aprofundar a perseguição aos opositores da “Revolução”.⁵⁸ A *Defesa* noticiou a operação sem tecer nenhum julgamento crítico sobre ela. Pelo contrário, utilizou do léxico “revolucionário” para reafirmar que a operação consistia na continuação dos levantamentos sobre a “subversão”, na cidade, e irregularidades no setor administrativo.⁵⁹ De fato, o último ponto fazia sentido. Logo que se impôs a nova ordem, os seus títeres fizeram questão de pôr atrás das grades os agentes públicos envolvidos em esquemas ilícitos.

Preocupavam-se em passar a impressão de que a nova ordem restauraria moralmente o país, afastando-o não apenas dos subversivos, mas também dos corruptos. O mesmo acontecia com os acusados de corrupção. Por isso, o prefeito do município de Telha asseverou: “Não esqueçam que eu estou preso por corrupção”. Com

⁵⁶ A DEFESA “Força das Forças – O Terço”, 15 de abril de 1964, p. 1.

⁵⁷ A DEFESA. “Notícias de Propriá”, 30 de abril de 1964, p. 4.

⁵⁸ Cf. FIGUEIREDO, Ariosvaldo. Op. Cit., p. 95-96.

⁵⁹ A DEFESA. “Militares trabalham ainda em Propriá”, 13 de junho de 1964, p. 4.



essas palavras, parecia que o prefeito preferia ser corrupto a subversivo⁶⁰. Dessa forma, muitos populares achavam que os presos políticos eram levados às grades por corrupção ou por algum outro ato ilícito. A *Defesa* publicava informes que enalteciam a realização “revolucionária” do expurgo “moral”, que seguia após a realização do expurgo “ideológico”.⁶¹ Outros prefeitos, de cidades acopladas pela diocese de Propriá, foram caindo. Alguns até por engano, depois sendo reempossados. O prefeito do município de Amparo do São Francisco, Epaminondas Martins, foi preso por equívoco⁶². O prefeito Carlos Torres, de Neópolis, foi afastado da prefeitura. Depois que “assumiram o equívoco” do afastamento, Carlos Torres foi reempossado⁶³. A diocese ia legitimando a onda de cassações e intervenções. Mas em nenhum caso a cooperação da diocese com a nova ordem ficou tão evidente quanto no da cidade de Cedro de São João.

Nessa cidade, A *Defesa* informou que o Supremo Comando do Estado de Sergipe achou por certo delegar ao padre Manuel Guimarães, pároco da cidade, os poderes de prefeito.⁶⁴ Da conhecida família Guimarães, o padre Manuel exercia suas atividades na região antes mesmo da criação da diocese: um nome conhecido e da mesma família do também padre Evêncio Guimarães. Dom Brandão foi consultado sobre a medida, afinal, como bispo, poderia negar a sua anuência ao pedido. Conforme o jornal diocesano, o prelado pontuou que, numa situação normal, não daria a sua anuência; mas, em seguida, acrescentou: “Nas circunstâncias atuais [...], como medida de exceção, não se opunha à aceitação do cargo pelo Pároco de Cedro”.⁶⁵

⁶⁰ FIGUEIREDO, Ariosvaldo. Op. Cit., p. 95.

⁶¹ A DEFESA. “**Expurgo Moral**”, 15 de abril de 1964, p. 1.

⁶² FIGUEIREDO, Ariosvaldo. Op. Cit., p. 95.

⁶³ A DEFESA. “**Reempossado o Prefeito Carlos Torres**”, 30 de maio de 1964, p. 2.

⁶⁴ O informe se referia, certamente, ao Alto Comando Revolucionário de Sergipe. Segundo Ibarê Dantas, ele era composto pelos comandantes do 28º Batalhão de Caçadores (28º BC), da 19ª Circunscrição de Serviço Militar (19º CSM) e da Capitania dos Portos. Cf. DANTAS, Ibarê. **A tutela militar em Sergipe**. 1964-1984: partidos e eleições num Estado autoritário. São Cristóvão: Editora UFS, 2014, p. 38.

⁶⁵ A DEFESA. “**Padre Manuel Guimarães à frente da Prefeitura de Cedro**”, 27 de junho de 1964, p. 1.



Com a decisão do bispo, a diocese conquistava uma prefeitura, ressaltava a sua aliança com a nova classe dirigente. Inicialmente, não parecia haver contradições entre apoiar as reformas de base em paralelo ao apoio da nova ordem política. Segundo a nota diocesana *Reformas Estruturais*, o general Castelo Branco já estudava um esquema “para as reformas do país serem encaminhadas ao Congresso”.⁶⁶ As palavras de dom Jaime Câmara eram evocadas no jornal *A Defesa*: “Veio na hora a resposta do céu”.⁶⁷ Paralelo a isso, o realce das “aspirações” do novo presidente: “restaurar a legalidade e revigorar a democracia, estabelecer a paz e promover o progresso da justiça social”.⁶⁸

Congratulações também para o novo governador de Sergipe, Sebastião Celso de Carvalho. Vice-governador do Estado durante o governo Dória, o órgão oficial da diocese desejou para Celso de Carvalho a “assistência divina”.⁶⁹ Por outro lado, pouco se comentou sobre a deposição de Seixas Dória. Assim como Geraldo Maia, foi dito apenas que o afastamento se deu “em virtude dos últimos acontecimentos no País”.⁷⁰ Sobre as denúncias de que os prisioneiros — dentre eles, Seixas Dória — estavam sendo vítimas de maus-tratos e torturas, na Ilha de Fernando de Noronha, *A Defesa* levantou passagens da entrevista concedida por Ilza Porto ao jornal *Gazeta de Alagoas*. Parecia querer acalmar a consciência dos seus leitores.

Em letras garrafais, três títulos davam ênfase ao que se passava na prisão. Segundo comentado na entrevista: “Absoluta tranquilidade”, “Bom tratamento” e “Clima de Paz”. A líder de um grupo feminino de Alagoas, Ilza Porto, assegurava que os presos “estão muito

⁶⁶ A DEFESA. “Reformas estruturais”, 15 de abril de 1964, p. 1.

⁶⁷ A DEFESA. “Dom Jaime Câmara”, 15 de abril de 1964, p. 1.

⁶⁸ A DEFESA. “Novo presidente da República”, 15 de abril de 1964, p. 1.

⁶⁹ A DEFESA. “Novo Governador de Sergipe”, 15 de abril de 1964, p. 4.

⁷⁰ A DEFESA. “Notícias de Propriá”, 30 de abril de 1964, p. 4. No caso do prefeito de Neópolis, monsenhor Sant’ana leu uma crônica na emissora de rádio *Rio São Francisco*, que foi publicada no jornal diocesano. A diocese tomou uma posição contrária ao afastamento do prefeito, afirmando que ele se deu em razão de uma “injusta denúncia”. A DEFESA. “Reempossado o Prefeito Carlos Torres”, 30 de maio de 1964, p. 2.

bem tratados, com mais regalia e conforto do que merecem”.⁷¹ Para *A Defesa*, apresentar a entrevista enviesada sobre os presos políticos parecia mais prudente do que apresentar os motivos arbitrários das suas prisões. Algo que ratifica o aval diocesano às cassações políticas, no âmbito estadual e nacional.

Considerações finais

Portanto, não restam dúvidas que a diocese de Propriá deu o seu beneplácito para a instauração da nova ordem. O “perigo comunista”, que nunca existiu, verdade seja dita, naquele momento, pareceu afastado pela intervenção das “gloriosas Forças Armadas”.⁷² Ansiosamente, a diocese aguardava que as “mãos certas” emplasassem as reformas estruturais no país.

A campanha golpista não seria exitosa sem a adesão de diversas instituições da sociedade civil, dentre elas, a Igreja Católica. O rosário, o nome de Deus, a participação de padres e bispos e um sem-número de entidades, que contavam com a cobertura da Igreja Católica, materializaram-se nas mais variadas manifestações públicas contra Jango. A principal foi a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”. Depois dela, sobrou a agonia para o bloco de poder nacional-reformista.

A oposição parecia oferecer as “mãos certas” para realizar as reformas estruturais pleiteadas pelos modernistas-conservadores da Igreja. Não custa lembrar que os grupos católicos não foram uma “massa de manobra” dos conspiradores. Eles tinham as suas motivações para aderir ao golpe. O anticomunismo manifesto em modernistas-conservadores da Igreja lia o governo Jango enquanto incapaz de frear o suposto “espectro” comunista a “rondar” o país. Por isso, procuraram, na oposição a Jango, as “mãos certas” para hastear as “bandeiras certas”. Porém, das “mãos” da oposição, não encontraram as reformas de base, mas o projeto de modernização conservadora. O respaldo dado por frentes católicas, incluindo a

⁷¹ A DEFESA. “Sobre Fernando de Noronha”, 30 de abril de 1964, p. 1.

⁷² Cf. “Força das Forças – O Terço”. *A Defesa*, 15 de abril de 1964, p. 1.

diocese de Propriá, à oposição a Jango favoreceu o golpe de 1964 e a instauração de um novo ciclo político no Brasil.

É difícil imaginar que essa mesma diocese, na virada da década de 1960, converteu-se, surpreendentemente, numa das mais intrépidas vozes de oposição à ditadura e à ordem local. Tal “conversão” não cabe ser analisada neste momento, mas, parece oportuno, mencionar que uma surpreendente mudança ocorreu em sua linha político-ecclesial. O que coube a este artigo foi analisar a participação e influência dessa diocese no processo golpista que derrubou um presidente legítimo e instaurou uma ditadura militar no país.

Referências

A DEFESA. “**140 anos de Independência com Cristo**”, 14 de outubro de 1962

A DEFESA. “**Ademar e Jango**”, 15 de abril de 1963

A DEFESA. “**Aliança para o Progresso em Foco**”, 20 de setembro de 1963

A DEFESA. “**Creche São José: Aprovada a Subvenção – Novas possibilidades**”, 15 de julho de 1963

A DEFESA. “**Dom Jaime Câmara**”, 15 de abril de 1964

A DEFESA. “**Em plena atividade a Creche São José**”, 30 de maio de 1963

A DEFESA. “**Expurgo Moral**”, 15 de abril de 1964

A DEFESA. “**Força das Forças – O Terço**”, 15 de abril de 1964

A DEFESA. “**Frente Sindical Nacionalista – C.G.T. Quer é Desordem**”, 30 de maio de 1963

A DEFESA. “**Militares trabalham ainda em Propriá**”, 13 de junho de 1964

A DEFESA. “**Nós e a política**”, 31 de agosto de 1963

A DEFESA. “**Notícias de Propriá**”, 30 de abril de 1964

A DEFESA. “**Nova figura de trabalhador**”, 28 de outubro de 1962.

A DEFESA. “**Novo Governador de Sergipe**”, 15 de abril de 1964

A DEFESA. “**Novo presidente da República**”, 15 de abril de 1964

A DEFESA. “**O bispo de Propriá fala ao jornal ‘Senhor Bom Jesus’**”, 15 de novembro de 1961

A DEFESA. “**O Brasil Camponês Confia na Revolução**”, 13 de junho de 1964



A DEFESA. “**Padre Manuel Guimarães à frente da Prefeitura de Cedro**”, 27 de junho de 1964

A DEFESA. “**Presidente John Kennedy**”, 23 de novembro de 1963

A DEFESA. “**Reempossado o Prefeito Carlos Torres**”, 30 de maio de 1964

A DEFESA. “**Reformas estruturais**”, 15 de abril de 1964

A DEFESA. “**Sobre Fernando de Noronha**”, 30 de abril de 1964

A DEFESA. “**Último pedido de Kennedy a Deus: dai a paz e a justiça**”, 08 de dezembro de 1963

A DEFESA. “**Vida estudantil**”, 30 de maio de 1963

A DEFESA. “**Visão Geral do Mundo**”, 15 de novembro de 1961

BETTO, Frei. **Fidel e a religião: conversas com Frei Betto**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CASTRO, Dom José Brandão (Bispo de Propriá). **Mensageiro de Santo Antônio**. [Entrevista concedida a] Luciano Bernardi. [S.], 04 de abril de 1984.

CASTRO, dom José Brandão de. **Carta pastoral de saudação de Dom José Brandão de Castro - Bispo de Propriá**. [S.]; s.n.;1960.

DANTAS, Ibarê. **A tutela militar em Sergipe**. 1964-1984: partidos e eleições num Estado autoritário. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

DREIFUSS, René. **1964, a conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes, 1981.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **História Política de Sergipe (1962-1975)**. Aracaju, s/n, s.d.

FOLHA POPULAR. “**O regime de latifundiários envelheceu e ninguém poderá evitar sua morte**”, 21 de março de 1964.

FOLHA POPULAR. “**Protestar junto ao povo contra a vinda a Sergipe do Gringo Lincol [sic] Gordon**”, 06 de abril de 1963

HEINZMANN, padre Josef. **Afonso de Ligório e os redentoristas**. Estrasburgo: Sadifa, 1985.

IOKOI, Zilda. **Igreja e camponeses: Teologia da Libertação e movimentos sociais no campo, Brasil e Peru, 1964-1986**. São Paulo: Hucitec, 1996.

Jornal A Defesa

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

NETTO, José. **Pequena História da Ditadura Brasileira (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 2014.

PARKER, Phyllis. **1964: o papel dos Estados Unidos no golpe de Estado de 31 de março**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

Senhor Bom Jesus. **Bispo de Propriá lança um apelo**: Um seminário para a terra de Dom Cabral [Entrevista à imprensa de Belo Horizonte Dom José Brandão de Castro, março de 1961.

SERGIPE. DOSSIÊ de Cleto Sampaio Maia. Aracaju, [19--]. Arquivo do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), nº P88/05. *In*: Acervo da Comissão Estadual da Verdade Paulo Barbosa de Araújo (CEV).

SERGIPE. DOSSIÊ de Geraldo Sampaio Maia. Aracaju, [19--]. Arquivo do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), nº P193/05. *In*: Acervo da Comissão Estadual da Verdade Paulo Barbosa de Araújo (CEV).

SERGIPE. DOSSIÊ de João de Seixas Dória. Aracaju, [19--]. Arquivo do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), nº P95/05. *In*: Acervo da Comissão Estadual da Verdade Paulo Barbosa de Araújo (CEV).

SILVA, Wellington. **Catolicismo e golpe de 1964**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2018.

SIMÕES, Solange. **Deus, Pátria e Família**: as mulheres no golpe de 1964. Petrópolis: Vozes, 1985.